

Do apagamento ao resgate da literatura de autoria feminina

21

Constância Lima Duarte¹

Resumo

O presente texto é a palestra proferida pela Professora durante o II Seminário do núcleo *Tessituras de Nós* (núcleo de estudos, pesquisa e extensão em gênero, sexualidade e educação) ocorrido entre os dias 30 de setembro e 1º de outubro de 2025. O texto analisa o apagamento histórico da literatura de autoria feminina no Brasil e os esforços acadêmicos para seu resgate. O objetivo central desse artigo é o de buscar combater o "memoricídio" que excluiu sistematicamente as mulheres do cânone literário nacional por razões ideológicas e patriarcais. A metodologia desse texto fundamenta-se na pesquisa documental em acervos dispersos e na revisão crítica de parâmetros historiográficos de perspectiva masculina. Como conceitos-chave, o trabalho articula as noções de identidade feminina, resistência e a reconstrução da memória cultural brasileira. Orcid.org/0009-0001-2069-7138

Palavras-chave

Autoria feminina; Memoricídio; Resgate literário.

Recebido em: 18.05.2026
Aprovado em: 30.06.2026

¹ Doutora em Literatura Brasileira (USP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da UFMG. Aposentando-se em 2005, atua como professora voluntária junto ao mesmo Programa de Pós-Graduação em Letras e Estudos Literários da UFMG. Sua Produção acadêmica concentra-se na área de Literatura Brasileira, com ênfase nos seguintes temas: literatura de autoria feminina e crítica literária feminista. Dentre as publicações, destacam-se Nísia Floresta: vida e obra; Mulheres em Letras - Antologia; A escritura no feminino; Mulheres de Minas: lutas e conquistas; Dicionário de Escritoras Portuguesas; Dicionário de escritores mineiros; Escritoras do Rio Grande do Norte - Antologia; Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX, Dicionário ilustrado, entre outros. Atua como pesquisadora junto ao Centro de Estudos Literários e Culturais, da UFMG, e coordena o Grupo de Pesquisa Mulheres em Letras, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. E-mail. constanciaduarte@gmail.com

From erasement to the rescue of women's written literature

Abstract

This text is a lecture given by Professor Constância Lima Duarte (FALE / UFMG) during the II Seminar of the *Tessituras de Nós* group (a study, research and extension group on gender, sexuality and education) held between September 30th and October 1st, 2025. The text analyzes the historical erasure of literature authored by women in Brazil and the academic efforts to recover it. The central objective of this article is to combat the "memoricide" that systematically excluded women from the national literary canon for ideological and patriarchal reasons. The methodology of this text is based on documentary research in dispersed collections and a critical review of historiographical parameters from a male perspective. As key concepts, the work articulates the notions of female identity, resistance, and the reconstruction of Brazilian cultural memory.

22

Keywords

Female authorship; Memoricide; Literary recovery.

Do apagamento ao resgate da literatura de autoria feminina

Começo agradecendo à comissão organizadora o convite para participar deste *II Seminário Tessituras de Nós*, da Faculdade de Educação da UEMG, conhecido centro de formação de profissionais na área educacional. E dizendo que gostei muito do título do evento – “Tessituras de Nós”, que, depois soube, é também o nome do grupo responsável por sua organização.

Gostei do título principalmente pelos diversos e ricos significados que as duas palavras possuem. “Tessitura” pode significar desde o conjunto de sons e notas possíveis a uma voz ou a um instrumento, até a organização de um espetáculo. E também a constituição de um tecido, a textura de linho, do brim. Mas se aproximamos dela o vocábulo “nós”, a expressão “Tessituras de Nós” sugere ainda outros e novos sentidos. Porque “nós”, além de pronome pessoal da primeira pessoa do plural e de plural de “nó” (laço apertado), na teoria freudiana pode ser a revelação da personalidade psíquica do indivíduo e, na filosofia, a consciência, o ser consciente e pensante, entre outros sentidos. Enfim, a expressão “Tessituras de Nós” é realmente um achado, pela riqueza de significados que pode sugerir.

Para este momento trouxe algumas reflexões acerca da autoria feminina e da história das mulheres, bem como sobre o papel que associações e eventos acadêmicos têm desempenhado ao longo das últimas décadas.

A epígrafe que abre meu texto expressa o que penso e gostaria de transmitir. Cito:

A questão é de tempo. Mais nada. As mulheres sabem esperar porque, na luta de sua vida íntima, aprenderam à sua custa a adquirir paciência, que é a magna virtude para se suportar as crises. (Almeida, 1908, 49-50).

A autora dessas sábias palavras, que encontrei numa antiga crônica de 1908, é a escritora Júlia Lopes de Almeida. Além de ter a inconfundível dicção feminina, gosto também porque Júlia Lopes tinha razão: a questão é de tempo. Mais nada. Porque nós sabemos esperar. E só agora, após tantos séculos esquecidas e à margem da história, as mulheres finalmente começam a ocupar o lugar que lhes cabe nas artes, na literatura, na política, na sociedade, enfim. Porque, apesar de presentes no cenário literário desde o século XVIII, a produção das primeiras escritoras foi sistematicamente deixada de lado pela crítica e pelos

historiadores, chegando, em muitos casos, a desaparecer como se nunca tivesse existido.

E se hoje é normal encontrar livros de autoras e autores lado a lado nas estantes, já houve um tempo em que não era bem assim. Durante séculos os homens dominaram sozinhos as atividades do espaço público, enquanto nem as mulheres da elite tinham qualquer direito: a grande maioria analfabeta, vivia confinada em casa cuidando dos afazeres domésticos, sem direito de manifestar opinião ou herdar bens, à mercê de seus tutores. Mas, para dourar a pílula, eram chamadas de “belo sexo” ou “sexo frágil”, que hoje lemos como “inferiores” e “incompetentes”. A história das relações sociais de gênero andou bem devagar, por isso demorou tanto para as mulheres se tornarem as pessoas participantes e profissionais que são hoje.

Até as últimas décadas do século XIX, e mesmo nas primeiras do XX, causava comoção uma jovem manifestar o desejo de ter independência financeira, querer votar ou de fazer um curso superior. E a publicação de uma obra de autoria feminina costumava ser recebida com desconfiança, descaso ou, na melhor das hipóteses, com certa condescendência pelos leitores. Afinal, era só uma mulher escrevendo – deviam pensar os que pregavam a inferioridade mental, moral e física do gênero feminino. Enquanto os irmãos estudavam na Europa, as jovens permaneciam em casa. Estudar, votar, trabalhar foram direitos lentamente conquistados, pois antes foi preciso vencer a resistência de uma sociedade que queria a mulher bem longe do espaço público.

Vejam: estou me referindo às mulheres brancas e da elite, pois a experiência vivida pelas negras escravizadas, ou libertas, foi muito diferente.

Mulheres fora do cânone

Quando surgiram as primeiras escolas primárias, em 1827, logo foi pensada uma educação diferenciada para as meninas, isto é, perpassada pelo gênero, como forma de “respeitar” suas diferenças biológicas e morais. A instrução devia se limitar aos trabalhos manuais, às noções de língua pátria e aritmética, e também tocar piano e falar um pouco de francês para se exhibir nos salões. As famílias mais esclarecidas educavam as filhas nas próprias casas com preceptoras, ou as enviavam a colégios internos, conventos ou casas de recolhimento, onde elas recebiam praticamente o mesmo tratamento recluso das noviças.

Por isso, é surpreendente constatar como tantas jovens conseguiram vencer as barreiras impostas pelo corporativismo masculino e também escreveram poemas, romances, contos, ensaios, peças de teatro. Se não entraram na história literária, isso é outra história – história das relações sociais de gênero e de poder: de sexo dito forte e sexo dito fraco. Afinal, os homens ocupavam todos os espaços de poder e instituições de prestígio, como jornais, academias, tipografias, faculdades. E mesmo quando admiravam uma escritora, na hora de fazer uma antologia, escrever verbetes para dicionários bibliográficos ou escolher obras para serem reeditadas, elas eram deixadas de lado. Foi assim que construíram um cânone em torno apenas de nomes masculinos...

Em ensaio publicado na revista *Anhembi*, em 1954, intitulado “As mulheres na literatura brasileira”, Lúcia Miguel Pereira afirma que, ao consultar a importante obra de Sílvio Romero, *História da literatura brasileira*, de 1882, julgou que ali encontraria as antigas escritoras. São suas palavras:

Nessa espécie de catedral barroca da nossa literatura, onde, ao lado de figuras de primeira plana, de valor incontestável, tiveram entrada gente miúda, gente mais ou menos secundária, só foram incluídas sete mulheres. Ângela do Amaral Rangel, Beatriz Francisca de Assis Brandão, Delfina da Cunha, Nísia Floresta, Narcisa Amália, Maria Firmina dos Reis e Jesuína Serra. E é tudo. Nada mais achou a dizer a respeito de mulheres o mestre sergipano. (Pereira, 1954, 18-19)

Ou seja: nem as escritoras contemporâneas do historiador, como Júlia Lopes de Almeida, Carmen Dolores, ou outras mais antigas, tiveram vez no arrolamento de Romero.

E não foi diferente no *Dicionário biobibliográfico* de Sacramento Blake. Nele, Lúcia Miguel Pereira observou que, apesar dessa obra não ter tido o menor critério seletivo, foram incluídos poucos nomes femininos para trezentos anos de literatura. E faz uma reflexão sobre a lamentável e tristíssima situação das mulheres no Brasil colonial e imperial, dos preconceitos que as abafavam, dos quais dão testemunho romancistas, cronistas, ensaístas, historiadores e sobretudo estrangeiros que nos visitaram.

Curiosamente, a história nacional registrou apenas a timidez doentia de nossas moças. As outras, as exceções, foram sistematicamente ignoradas e alijadas da memória canônica e do arquivo oficial. E foi tão sistemático este trabalho de alijamento que, quem se aventurasse depois a buscar as que

romperam o silêncio, precisava enfrentar a desordem, o vazio, o “arquivo do mal” – na expressão de Jacques Derrida.

E chegamos ao cerne do problema: as mulheres que ousaram exhibir o brilho de seu intelecto e romperam os limites impostos pelo poder patriarcal publicando livros, fundando jornais em pleno século XIX e até na primeira metade do XX, tornaram-se depois ilustres desconhecidas. Em outras palavras, elas foram vítimas de memoricídio –ou seja: do assassinato da memória e de uma cultura – pois não só os seus nomes e obras foram apagados dos arquivos nacionais, mas também a história de sua resistência ao patriarcado.

Daí podemos concluir que foram razões ideológicas as responsáveis por jogar no limbo do esquecimento as primeiras produções intelectuais das mulheres, bem como a história de sua participação nas lutas sociais. E o apagamento de seus nomes provocou, como consequência, um grave dano à identidade feminina e ao acervo cultural brasileiro.

Assim, quando em meados de 1980 um grupo de pesquisadoras – a maioria vinculada ao GT “A Mulher na Literatura”, da ANPOLL – se reuniu em torno do projeto de resgatar as escritoras do passado, foi preciso muita determinação, pois os acervos estavam dispersos em antigas bibliotecas, fragmentados em jornais, carcomidos por traças e pelo descaso oficial. Buscar a memória cultural em um país que não cultua memória não é tarefa fácil. E um verdadeiro quebra-cabeça precisava ser montado, pois peças fundamentais, como informações biográficas e os próprios livros, custavam a aparecer.

E foram estas pesquisas dos anos 80 que revelaram os nomes e as obras de nossas primeiras escritoras, bem como os artifícios que usados por elas para enganar a crítica masculina e o público leitor, tais como uso de pseudônimo, assinatura limitada às letras iniciais do nome, ou, ainda, a opção de deixar as obras anônimas. (Virginia Woolf, em *Um teto todo seu*, foi arguta ao afirmar que apenas as mulheres, pelo receio de se expor, deixariam suas obras sem assinatura... Como não concordar com ela?)

Uma parte substancial dessas pesquisas foi publicada pela Editora Mulheres, de Florianópolis, em três antologias organizadas pela professora Zahidé Lupinacci Muzart, intituladas *Escritoras brasileiras do século XIX*, com mais de três mil páginas e algumas centenas de nomes. E há de tudo nessas antologias: desde escritoras que nunca haviam sido mencionadas nas histórias literárias, até outras que, apesar da calorosa recepção que tiveram de ilustres

leitores – como Machado de Assis, Olavo Bilac e José de Alencar – também desapareceram, excluídas do cânone por uma historiografia e uma crítica de perspectiva masculina.

Para ilustrar, cito algumas autoras que renasceram nas últimas décadas fruto dessas investigações. Alguns nomes já se tornaram familiares de tanto que aparecem nos congressos, dissertações e teses. É o caso de Nísia Floresta, do Rio Grande do Norte, autora de extensa obra escrita em português, francês e italiano, que participou ativamente do debate de temas polêmicos, como direitos das mulheres, dos escravizados e dos indígenas.



Figura 1. Capa de livro organizado pela autora.

Quando pesquisei essa escritora, seu acervo encontrava-se praticamente desaparecido. Foi preciso percorrer os caminhos de sua vida pelo país – do Nordeste ao Sul – e no exterior: Portugal, França, Inglaterra e Itália, onde ela havia residido, para buscar seus escritos e sua presença na história literária e social de cada lugar.

Outra escritora, que também demandou intensa investigação, foi Emília Freitas, poetisa e romancista cearense, abolicionista, autora do romance *A rainha do ignoto*, de 1899. E Maria Firmina dos Reis, a escritora negra nascida no Maranhão que, em 1859, publicou *Úrsula*, hoje considerado o primeiro romance abolicionista de nosso país.

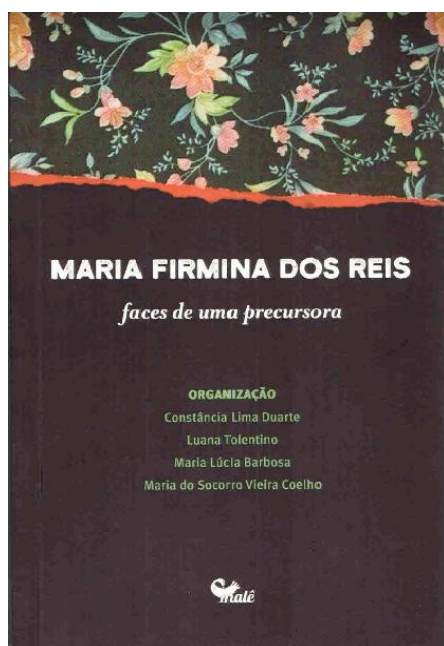


Figura 2. Capa de livro organizado pela autora.

Assim como é relativamente recente a pesquisa em torno do tema “mulher e literatura”, também é recente sua legitimação junto ao circuito acadêmico. Para se ter uma ideia, até as décadas de 1980 e 1990, quando foram criadas associações nacionais de professores e pesquisadores, como ANPOLL, ABRALIC e ANPUH, o estudo de questões sobre gênero e autoria feminina ainda não era considerado objeto relevante de pesquisa nas universidades. Foi a criação dessas associações que permitiu, de forma definitiva, que pesquisadores constituíssem fóruns de discussão para seus trabalhos, e estes estudos se configurassem enquanto linha de pesquisa respeitada. E foram surgindo novas disciplinas, eventos temáticos, e muitas teses, dissertações e monografias que logo se converteram em artigos, ensaios, capítulos e livros, e ampliaram o potencial implícito nos binômios mulher e literatura, mulher e educação, mulher e história, mulher e psicologia.

Como foi importante resgatar a história das mulheres, divulgar as pioneiras e rever criticamente o que havia sido escrito sobre elas, também foi necessário realizar a revisão de conceitos estéticos e o questionamento dos parâmetros de uma crítica e historiografia que se considerava dona da verdade. E a trajetória intelectual da brasileira, aos poucos está se constituindo, pois a todo instante surgem novos pesquisadores e pesquisadoras interessados na temática, apresentando novas reflexões. Por isso, costumo afirmar que as pesquisas e os eventos acadêmicos são os verdadeiros antídotos contra o apagamento da nossa história.



Figura 3. Capa de livro organizado pela autora.

E ainda que hoje a situação pareça ser diferente, pois as mulheres estão presentes em todas as áreas do conhecimento e exercem com liberdade e competência sua dicção literária, ainda assim é preciso conhecer e não esquecer o passado. Pois vivemos um tempo de resistência. E cada nova profissional que surge – em especial as negras e as indígenas – ainda enfrenta resquícios de preconceitos pelo trabalho que realizam. Por isso, precisamos sempre só avançar, e nunca mais recuar dos espaços conquistados.

Fico por aqui. Obrigada pela atenção.

Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A intrusa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1908.

BLAKE, A. V. Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DUARTE, Constância Lima. *Arquivos de mulheres e mulheres anarquivadas: histórias de uma história mal contada*. Revista Gênero, Niterói, v. 9, n. 2, p. 11-17, 1. sem. 2009.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. vol. 1. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999 (vol. 2, 2004; vol. 3, 2009).

PEREIRA, Lúcia Miguel. *As mulheres na literatura brasileira*. Revista Anhembi, São Paulo, ano V, n. 49, v. 17, dez. 1954.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.